

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO PARA O ADOLESCENTE

Catarina Barbosa da Silva Rizzo*

Edna Maria Querido de Oliveira Chamon**

*Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional: Universidade de Taubaté
MBA em RH – PUC.
Taubaté – SP, Brasil.
catrizzo76@hotmail.com

** Professor Assistente Doutor da Universidade de Taubaté; Pós-Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil; Doutorado em Psychologie: Université de Toulouse II (Le Mirail), U.T. II, França; Mestrado em Sciences de L'Education: Université de Toulouse II (Le Mirail), U.T. II, França; Especialização em Sciences de L'Education: Université de Toulouse II (Le Mirail), U.T. II, França; Graduação em Sciences de L'Education: Université de Toulouse II (Le Mirail), U.T. II, França; Graduação em Pedagogia: Faculdade Nogueira da Gama, GUARÁ, Brasil. São José dos Campos – SP, Brasil.
edna.chamon@gmail.com

Neste artigo investigam-se as representações sociais que adolescentes constroem sobre o trabalho e sua inserção no mercado. Utilizou-se a teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici, para caracterizar a organização de elementos cognitivos, crenças, valores, atitudes, opiniões, como um saber prático, de senso comum, a respeito da realidade. A pesquisa baseou-se em um conjunto de 30 entrevistas realizadas com adolescentes, com idades entre 16 e 18 anos, que frequentam o curso “Treinamento para o Mercado de Trabalho” de uma Organização Não Governamental (ONG), localizada no interior do Estado de São Paulo. Uma análise de conteúdo, realizada com auxílio do software ALCESTE®, mostrou a existência de três classes de discurso: vida profissional; trabalho, lazer e família; e, projeto pessoal. A análise da classe “vida profissional”, proposta para este artigo, revela a crença no trabalho como meio de afirmação presente e de perspectiva futura, evidenciando a ancoragem da representação em categorias amplamente difundidas na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Representação social. Trabalho.

1 Introdução

Neste trabalho temos como objetivo apreender as representações sociais que os adolescentes têm do trabalho diante de sua inserção no mercado, baseados na teoria das representações sociais, de Serge Moscovici (1978).

Tendo em vista a centralidade do trabalho em nossa sociedade, a pressão que as camadas mais jovens da população exercem sobre o mercado de trabalho e as exigências de adaptação socioprofissional que esse mercado apresenta ao sistema de educação, torna-se cada vez mais necessário compreender a forma como os adolescentes representam o trabalho e suas relações com a vida político-econômica, social e cultural.

O estudo foi realizado com adolescentes inseridos no mercado de trabalho, com idade entre 16 e 18 anos, que frequentam a organização não governamental Sociedade de Amparo e Promoção (Soapro), localizada na cidade de Taubaté (SP).

2 Representação social: teoria, conceito e modelos

O termo “representações sociais” pode ser caracterizado de três formas: para designar um conjunto de fenômenos, o conceito que os engloba e também a teoria construída para explicá-los, identificando assim um vasto campo de estudos psicossociológicos. A cunhagem desse termo e, portanto, a inauguração do campo, devem-se ao psicólogo social francês Serge Moscovici. Um primeiro delineamento formal do conceito e da teoria das representações sociais surgiu em seu trabalho intitulado *A representação social da psicanálise* (1978), a propósito do fenômeno da socialização da psicanálise e de sua apropriação pela população parisiense (SÁ, 1995, p. 19).

Moscovici (1978) destaca que a teoria de representações sociais procura dar conta de um fenômeno, sobretudo urbano, em que o homem manifesta

sua capacidade inventiva para assenhorear-se do mundo por meio de conceitos, afirmações e explicações originados no cotidiano, durante interações sociais, a respeito de qualquer objeto, social ou natural, para torná-lo familiar e garantir comunicação no interior de um grupo. As representações sociais também servem para interagir com outras pessoas e grupos e, sobretudo, para se manter um diálogo comum a respeito de determinado objeto. A representação é uma forma de conhecimento cotidiano de senso comum, diferente do conhecimento científico ou acadêmico.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são fenômenos complexos, sempre ativos e agindo na vida social. Em sua riqueza fenomênica assinalam-se elementos diversos, os quais são às vezes estudados de maneira isolada: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens. Entretanto, esses elementos são sempre organizados como uma espécie de saber que diz alguma coisa sobre o estado da realidade. E é esta totalidade significativa que, relacionada à ação, encontra-se no centro da investigação científica. Esta assume a tarefa de descrevê-la, analisá-la, explicar suas dimensões, formas, processos e funcionamento.

Outra contribuição importante é encontrada em Bauer (1995), quando afirma que as representações são a produção cultural de uma comunidade, que tem como um de seus objetivos resistir a conceitos, conhecimentos e atividades que ameaçam destruir sua identidade. Em representações sociais lida-se com imagens variáveis da realidade, pelas quais as pessoas estabelecem um sentido de ordem, transformam o não-familiar em familiar por meio de processos nos quais novos conhecimentos são atribuídos aos antigos esquemas que criam uma estabilidade temporária e localizam a si próprios entre os demais, por meio de um senso de identidade social.

Na visão de Jodelet (2001), representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social que, no presente trabalho, será o grupo de adolescentes inseridos no mercado

de trabalho. A representação social também pode ainda ser designada como saber do senso comum ou, ainda, saber ingênuo, natural, forma de conhecimento que é diferenciada do conhecimento científico. Entretanto, é tido como um objeto de estudo tão legítimo quanto esse devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.

Enfim, como afirma Moscovici (1986), representações sociais são todas as coisas que nos impressionam no mundo que nos cerca. São tanto o efeito de nossas representações compartilhadas, como as causas dessas representações.

3 Metodologia

Como a presente pesquisa se baseia na “teoria das representações sociais”, desenvolvida por Serge Moscovici, é importante destacar que, segundo Jovchelovitch (2000), as representações sociais são uma categoria explicativa, que no caso foi utilizada como embasamento para permitir desvendar como os jovens explicam e justificam sua realidade vivida diante da realidade do trabalho.

Para a elaboração da pesquisa foi utilizada uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, uma vez que, por ser uma construção coletiva, as representações sociais circulam por meio da comunicação dentro do grupo e formam uma base de conhecimentos úteis à interpretação da realidade.

A entrevista visa proporcionar a visão que os adolescentes têm do trabalho diante de sua inserção no mercado. Tal técnica objetiva entender o comportamento humano a partir do discurso do entrevistado. Justifica-se o uso da entrevista semiestruturada pela possibilidade dada ao pesquisador de orientar a pesquisa na direção de certos subtemas que lhe interessam, caso o entrevistado não os aborde espontaneamente. Esses subtemas pertencem ao

quadro de referência prévio do pesquisador e são organizados na forma de um guia temático da entrevista.

O total de entrevistas foi definido pelo critério da saturação. Isso significa que o número de entrevistas não pode ser definido *a priori*, mas depende do espectro de opiniões a ser investigado. Assim, os dados continuaram a ser coletados até o momento no qual, novas categorias ou temas não mais apareciam nos discursos. Dessa forma, foram realizadas 30 entrevistas com os adolescentes.

A técnica utilizada para tratamento dos dados foi análise por categorias e análise de ocorrências simultâneas. Ela opera a partir de uma segmentação do texto em unidades e uma classificação em categorias. A análise de ocorrências simultâneas procura estudar a presença simultânea de vários elementos em uma mesma unidade do texto, isto é, em um fragmento de texto previamente definido. A frequência das ocorrências é indicativa da associação ou dissociação dos elementos no discurso dos entrevistados (BARDIN, 1977).

A análise das entrevistas foi feita com auxílio do *software* ALCESTE[®] (Analyse des Lexèmes Coocurrents dans les Enoncés Simples d'un TExte), desenvolvido na Universidade de Toulouse II, França, por Max Reinert (REINERT, 1990; CHAMON, 2007).

4 Resultados

Minayo (1997) destaca que, historicamente, o adolescente de classe menos favorecida sempre esteve presente na produção econômica. O olhar da sociedade sobre este fato acaba reforçando essa imagem, na medida em que concebe o trabalho como importante para o adolescente “aprender como é a vida”, “levar a vida a sério”, “ocupar o seu tempo”, “tirá-lo da rua”, “tirá-lo da marginalidade”, “aprender uma profissão”, “ajudar a família”. Esses mesmos temas, como será visto a seguir, estão presentes no discurso dos adolescentes,

o que indica uma ancoragem da representação em crenças e valores gerais, que organizam as relações simbólicas com o outro.

A análise de conteúdo das entrevistas indicou a presença de três categorias de discurso, que identificam o conteúdo da representação social elaborada pelos adolescentes: Categoria 1- Vida profissional; categoria 2- Trabalho, lazer e família; e categoria 3- Projeto pessoal. Neste artigo trataremos apenas da primeira categoria – Vida profissional – e das subcategorias a ela associadas.

Assim, a categoria 1 foi dividida em 6 subcategorias: Responsabilidade, Experiência, Aprendizagem/Conhecimento, Independência, Conquistas/Reconhecimento e Amizade, conforme indicado nas Figuras 1 e 2.

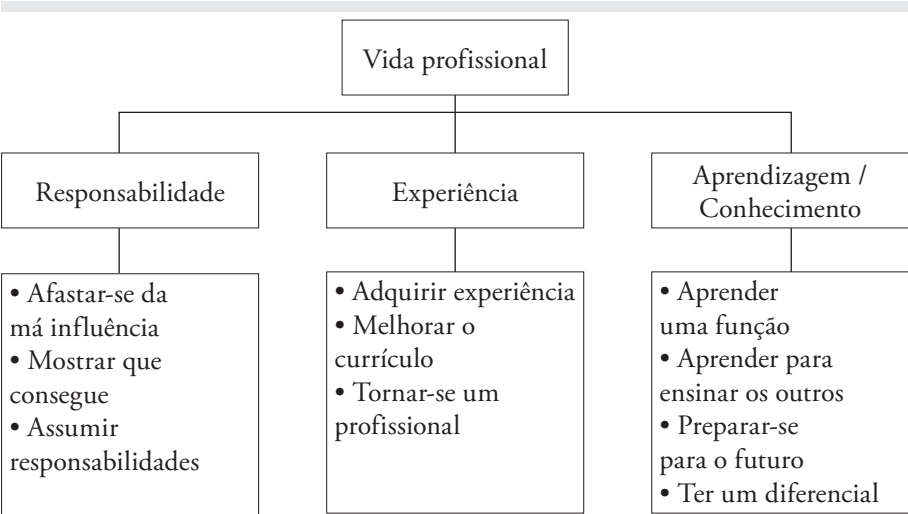


Figura 1: Vida profissional

Fonte: o autor.

1) Responsabilidade: nesta subcategoria o trabalho aparece com o significado de possuir uma ocupação positiva e assim, ficar longe da má

influência, das drogas e do roubo, aparece ainda a preocupação em mostrar para família, amigos e comunidade que ele pode sobreviver e vencer na vida, é o “estar ocupando o seu tempo” com coisas moralmente aceitas, é como permanecer no caminho correto e do bem fosse visto como uma grande batalha a ser vencida a cada dia, diante de tantas tentações.

Considero muito importante o adolescente trabalhar, porque o adolescente ficar dentro de casa à-toa não é muito bom e o trabalho também é uma preparação para o amanhã, aos poucos você vai assumindo responsabilidades porque você não vai ser adolescente para sempre, você não vai ter a mesma idade e ficar dependendo dos pais para sempre, você vai ter que crescer e ser alguém na vida, então é importante ele adquirir experiência de trabalho desde cedo. (ENTREVISTADO 30).

2) Experiência: Aqui se observa a preocupação com o desenvolvimento profissional, quais são os ganhos para seu currículo e para a competitividade na vida profissional, como o indivíduo enxerga as vantagens que essa experiência profissional, tão precoce, pode trazer para a sua vida.

Você tem que começar cedo, quanto mais cedo você começa mais experiência você pega para quando você ficar de maior, é importante também para ter seu dinheiro para comprar suas roupas, para pagar suas baladas, é isso aí. (ENTREVISTADO 2).

Os relatos apontam para a ideia de que, quanto mais cedo eles começarem a atuar mais competitivos se tornarão, sem haver referência se essa experiência é relevante ou não, o que importa é estar trabalhando. A experiência aparece relacionada à responsabilidade, na medida em que o adolescente

apesar de jovem já é cobrado como um profissional e tem que assumir responsabilidades no trabalho. Os adolescentes não apontam essa cobrança excessiva como algo fora de propósito, mas, muitas vezes isso é, inclusive, motivo de orgulho para eles que deixam de ser vistos como crianças irresponsáveis em quem não se pode confiar e passam a serem vistos como profissionais, é como se isso os engrandecesse.

O trabalho trouxe muita coisa para a minha vida, trouxe muita obediência, acho que o trabalho é a melhor coisa na vida, porque se você não trabalhar, não consegue sobreviver. (ENTREVISTADO 12).

3) Aprendizagem/Conhecimento: nesta subcategoria os adolescentes destacam a valorização e o entendimento do quanto estão aprendendo com essa experiência.

Trabalhar é uma forma de produzir mais, o que eu estou aprendendo eu posso ensinar para os meus irmãos, posso ensinar para a minha mãe que é analfabeta, eu aprendendo e posso ir para a frente, tanto faz em qualquer lugar, no trabalho ou em um curso. (ENTREVISTA 8).

Também aparece no discurso dos adolescentes a consciência de que, como eles não têm experiência profissional, é por meio do estudo e do conhecimento que poderão ter um diferencial no processo seletivo para concorrer a um trabalho.

Podemos observar a seguinte relação entre essas três subcategorias: a “responsabilidade” que é atribuída ao adolescente, independente da sua maturidade ou não, faz com que ele adquira “experiência” e, consequentemente, que desenvolva um processo de “aprendizagem e conhecimento”,

demonstrando inversão na ordem que naturalmente seria esperada por qualquer processo de desenvolvimento, que seria o adolescente “aprender” para depois adquirir “experiência” e, por fim, ele estar preparado para assumir “responsabilidades”.



Figura 2: Vida profissional (continuação)

Fonte: o autor.

4) Independência: essa subcategoria destaca a oportunidade que os adolescentes têm de ajudar financeiramente em casa, além de custear suas próprias despesas. Observa-se, então, uma inversão de papéis na qual o jovem assume responsabilidades que deveriam ser destinadas aos pais. Em nenhum dos entrevistados essa responsabilidade financeira aparece como motivo de revolta, muito pelo contrário, esse compromisso é visto pelos adolescentes com orgulho.

Eu trabalho para sustentar a minha família mesmo, ajudar, eu gosto também de trabalhar, não só porque eu trabalho, mas, em qualquer lugar que eu tiver chance eu vou trabalhar. (ENTREVISTADO 13).

Atualmente é para ajudar minha mãe, não está nada fácil lá em casa, então eu estou dando uma força. (ENTREVISTADO 17).

Como confirmação desse momento que o adolescente vivencia, Mielnik (1987) destaca que há um momento existencial na vida do adolescente, em que seus anseios de liberação e

independentização assumem um aspecto mais formal, mais positivo e impositivo. É um momento de sua maturação socioeconômica, em que o adolescente se sente coagido a prover suas próprias despesas, a se manter autonomamente. Sejam quais forem as razões admitidas – pressão dos pais, coação social dos colegas, sentimentos de auto-desvalorização por ter de recorrer, como dependente, a ajuda econômica dos pais, sentimentos de vaidade ou ostentação (no sentido de prover suas próprias despesas), por constrangimento diante da namorada ou de amigos, enfim, seja qual for o motivo – o jovem se depara com a necessidade de procurar trabalho.

Ao discutir sobre a contribuição financeira do adolescente em casa, Pereira (1994) destaca que essa é significativa, principalmente considerando a dinâmica familiar. Com o que ganham, colaboram em média com 1/3 da renda familiar. Além disso, poupam a família de gastos, pois pagam sua alimentação, seu material escolar, sua vestimenta e suas diversões. O mais grave é o que este processo de “adultização” provoca no adolescente. Ele assume papéis sociais destinados, em nossa cultura, ao adulto. Ao invés de ser consumidor da renda familiar, passa a ser provedor. Essa situação não é acompanhada de um processo de amadurecimento psicológico, o que traz sérios prejuízos afetivos e intelectuais.

5) Conquista / Reconhecimento: nessa subcategoria o adolescente resalta o quanto o trabalho contribui para o seu lado pessoal, ele passa a se sentir mais respeitado e a ser visto como mais adulto, uma pessoa em quem o chefe pode confiar e passar responsabilidades importantes para a empresa.

Em casa as coisas também mudaram, pois ele agora que tem a responsabilidade de contribuir financeiramente e está trabalhando, é mais ouvido e respeitado, “ele não é mais aquela criança”.

O trabalho traz um monte de coisas, você se sente útil, digno, traz felicidade e um monte de coisa, você é mais respeitado pelas pessoas, por exemplo, pela mãe. (ENTREVISTADO 8).

Outro aspecto importante apontado por Fischer (2003) é que a positividade da dupla jornada relaciona-se à crença em ganhos psicossociais e de que os méritos pessoais possibilitam superar as dificuldades derivadas das duas atividades, além de ser representado como necessário e honroso, por dar mostras da capacidade de luta e determinação dos jovens.

Essa subcategoria também mostra outro ganho importante para os adolescentes que são os relacionamentos surgidos no ambiente de trabalho onde, outras pessoas são inseridas no seu círculo de convivência, ele é visto como profissional capaz de contribuir de alguma forma para que a empresa progrida.

Traz dinheiro, traz novas pessoas, traz novos amigos, e é bom para você aprender a se relacionar e aprender as coisas do trabalho. (ENTREVISTADO 3).

6) Trabalho. Nesta subcategoria os adolescentes destacam a importância de trabalhar para constituir um futuro melhor. Também falam sobre investir dinheiro na própria formação, aproveitando assim as

oportunidades que a vida está lhes oferecendo. Também destacam a consciência e a preocupação em aprender e investir em uma profissão que vá lhes ajudar no futuro, principalmente quando terminar o contrato de trabalho.

Através do trabalho a gente enxerga outro mundo, a gente enxerga outras coisas, vê pessoas crescendo começa a ter um pouco de ganância e você fala eu quero ser alguém na vida. (ENTREVISTADO 1).

Ah, eu luto para que seja um futuro bom, assim, promissor mesmo porque, sei lá, eu estudo, trabalho, luto para conseguir o que eu quero, eu espero um futuro realizado para mim. (ENTREVISTADO 20).

5 Considerações finais

Ao investigar as representações sociais que os adolescentes elaboram a respeito do trabalho, ao iniciarem uma atividade profissional, observa-se que esses adolescentes falam de si mesmos, revelando aspectos de sua identidade e caracterizando o pertencimento a um grupo de “adolescentes trabalhadores”. Nota-se que, nem sempre eles possuem dados suficientes para compreender o que estão vivenciando e, assim buscam referência em alguma experiência já vivenciada em casa e na sociedade, como um todo, como por exemplo, na valorização dada ao trabalho; dessa forma, a representação surge no momento em que o grupo precisa tornar familiar algo que não é, e para isso busca referência em um repertório conhecido.

O adolescente representa o trabalho como uma oportunidade de não se envolver em atitudes ilícitas e, principalmente, para se manter ocupado, coisa

que somente o estudo não seria capaz de fazer. Sob esse aspecto, o trabalho é mais valorizado que o estudo.

Por outro lado, existe a consciência dos adolescentes do quanto o estudo é importante, não só como forma de adquirir conhecimentos, mas, sobretudo, como possibilidade de ascensão social, como se por meio do estudo ele tivesse garantias de conseguir um bom trabalho.

É importante observar a construção que esses adolescentes elaboram do fato de ter dinheiro para pagar suas despesas e também algumas despesas da família e o que isso representa para eles: o trabalho é identificado com a liberdade econômica e o acesso ao mercado de consumo para si e para a família. Também destaca-se um sentimento diferenciado pelo qual o adolescente passa a se sentir útil, importante e mais valorizado. Isso representa um ganho concreto do trabalho, que surge com o sentido de atribuir poder e *status* a esse adolescente, poder de complementar o orçamento familiar, de participar do mercado de consumo.

Outro componente importante em construção é a aprendizagem que se dá no ambiente de trabalho, onde aparece a importância de aprender para ter um diferencial, mas também aprender para ensinar aos outros em casa, como aos irmãos mais novos e até aos pais.

O trabalho ancora-se em elementos “afetivos”, como a possibilidade de, por meio do trabalho, constituir uma família melhor estruturada; elementos “mentais”, representados pela experiência, conhecimento e aprendizagem que o adolescente acredita adquirir; e elementos “sociais”, como a influência dos valores da família e da sociedade que lhes são passados quanto à importância do trabalho.

Apesar de o trabalho, em alguns momentos, assumir uma conotação negativa, prevalece a “atitude” positiva, na qual o adolescente simboliza essa experiência profissional como importante para seu presente e, principalmente, para seu futuro.

THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE JOB FOR ADOLESCENTS

In this article we aim to study social representations about the work and the insertion in the labor market elaborated by adolescents. Serge Moscovici's Social Representation Theory was applied to characterize cognitive elements, beliefs, values, and attitudes organization as a practical knowledge, common sense knowledge about reality. The research was based on 30 interviews with 16 to 18 years old adolescents enrolled in a course on labor market offered by a Non-governmental organization, in São Paulo State, Brazil. An automatic content analysis, using software ALCESTE®, showed three discourse classes: Professional life; Work, leisure, and family; and Personal project. The analysis of "Professional life" class, subject of this article, shows the belief in work as a way to self-esteem improvement in present and new perspectives for the future. This indicates a social representation anchoring in categories that are largely distributed in society.

KEY WORDS: Adolescence. Job. Social representation.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, M. A popularização da ciência como "imunização cultural": a função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A., JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CHAMON, E. M. Q. O. Representação social da pesquisa e da atividade científica: um estudo com doutorandos. *Estudos de Psicologia* (Natal), Natal, RN, v. 12, n. 1, p. 37-46, 2007.
- FISCHER, F. M.; OLIVEIRA, D. C.; TEIXEIRA, L. R.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; AMARAL, M. A. A. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. *Cienc. Saude Coletiva*. São Paulo: Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ, 2003.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MIELNIK, I. O adolescente, a escola e o trabalho. *Revista Pediatria Moderna*, São Paulo, v. 221, n. 8, p. 278-291, 1987.

MINAYO, G.; MEIRELLES, Z. V. Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 135-140, 1997.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA, I., CARVALHO, M. do C. B. de. CALIL, M. I.; MESTRINER, M.L. *Trabalho do adolescente: mitos e dilemas*. Série Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Caderno n. 2. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais da PUC-SP, 1994.

REINERT, M. ALCESTE. Une méthodologie d'analyse de données textuelles et une application: Aurélia de Gérard de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, n. 26, p. 24-54, 1990.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Recebido em 15 jan. 2010 / Aprovado em 27 set. 2010

Para referenciar este texto

RIZZO, C. B. da S.; CHAMON, E. M. Q. de O. A representação social do trabalho para o adolescente. *EccoS*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2010.

